

O DESENCONTRO TEÓRICO-METODOLÓGICO ENTRE A GEOGRAFIA ESCOLAR E A GEOGRAFIA ACADÊMICA: O CONCEITO DE LUGAR EM QUESTÃO¹.

Noêmia Ramos Vieira²

A THEORETICAL AND METHODOLOGICAL FAILURE BETWEEN THE GEOGRAPHY THAT IS TAUGHT AND THE GEOGRAPHY PRODUCED IN THE UNIVERSITY: THE CONCEPT OF PLACE IN QUESTION.

RESUMO: O presente trabalho objetiva uma socialização dos resultados obtidos a partir de uma investigação junto a 51 professores de Geografia das escolas estaduais da cidade de Marília. Tal investigação revelou que as discussões existentes no âmbito da Geografia escolar, no que diz respeito ao significado da categoria geográfica de lugar, estão muito aquém daquelas realizadas no âmbito da Geografia acadêmica. O que revela a existência de um desencontro teórico-metodológico entre a Geografia que se ensina e a Geografia produzida na universidade.

ABSTRACT: Abstracts: The present work aims at a socialization of the results obtained from an investigation with 51 teachers of Geography of the public schools of the city of Marília. Such investigation showed that the existent discussions in the context of the school Geography, what concerns the meaning of the category place, are great on this side of those carried out ones in the context of the academic Geography. What reveals the existence of a theoretical and methodological failure between the Geography that is taught and the Geography produced in the university.

Palavras-chaves: Geografia escolar, Geografia acadêmica, lugar, professor de geografia, livro didático.

Words-keys: School geography, academic Geography, place, teacher of geography, text book.

Considerações Iniciais

Nos últimos anos o desenvolvimento técnico e informacional do sistema capitalista tem imprimido no mundo uma complexidade espacial a qual tem remetido os

¹ Resultado parcial da Tese de Doutorado intitulada “As questões das Geografias do Ensino Superior e do Ensino Fundamental a partir da formação continuada do professor e das categorias lugar, paisagem, território e região: um estudo da Diretoria Regional do Ensino de Marília.”

² Doutora em Geografia, Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da UNESP – CE Ourinhos. Endereço eletrônico: noemiamosvieira@yahoo.com.br

especialistas da Geografia a um intenso debate em torno do significado de lugar, paisagem, território e região. A tônica desse debate tem sido a importância de se considerar o significado dessas categorias para explicação da organização espacial da sociedade contemporânea.

As discussões relativas a essas categorias têm estado presentes entre os especialistas que têm se dedicado a refletir sobre esta área do ensino (MOREIRA, 1987; SHOUMACKER, 1999; CAVALCANTI, 2002 e CALLAI, 2002). Estes têm reunido esforços para que as referidas discussões cheguem até os professores do ensino básico e promovam uma renovação teórico-metodológica nas teorias e nos métodos desta disciplina.

Moreira (1987, p. 181) há mais de duas décadas, quando propôs aos professores a ruptura com a corrente da Geografia Tradicional e, uma renovação nos métodos e nas teorias da *Geografia que se ensina*, nos chamou a atenção para a necessidade de recuperação e da reinterpretação dialética das categorias e dos princípios que historicamente tem feito o universo lógico do raciocínio geográfico. Segundo esse autor, entre essas categorias estão: natureza, espaço, território, ambiente e paisagem.

Shoumacker (1999, p.46), estudiosa francesa, ao desenvolver os princípios de uma didática da Geografia afirma que para uma aprendizagem eficaz e coerente dos alunos acerca de sua realidade espacial, é indispensável que o saber escolar seja organizado à volta das categorias³ e das noções centrais da geografia, os quais são produzidos pela pesquisa universitária. Para essa autora essas noções centrais são meio, paisagem, região, espaço e território.

Cavalcanti (2002, p.14), que tem se dedicado a refletir sobre os métodos de desenvolvimento do raciocínio geográfico nos alunos, nos aponta que as categorias da geografia – às quais ela dá o nome de *conceitos geográficos mais abrangentes* – são instrumentos básicos para a leitura do mundo do ponto de vista geográfico. Elas são “ferramentas, recursos intelectuais fundamentais para a compreensão dos diversos espaços”. Para esta autora, são esses conceitos mais abrangentes que “permitem aos alunos, no estudo da Geografia, localizar e dar significado aos lugares, pensar na sua significação e na relação que eles têm com a vida cotidiana de cada um” (idem, 2002, p.15).

Callai (2002, p. 100) defende que o ensino de geografia deve desenvolver no aluno o olhar espacial, ou seja, levá-lo a analisar a realidade com as *categorias* da interpretação geográfica.

³ Ao invés de utilizar o termo categorias a autora utiliza o termo *grandes conceitos*, os quais tomamos como sinônimo

Oficialmente essas discussões também foram introduzidas no âmbito do ensino básico. Isso se concretizou a partir da década de 1990 com a elaboração e a implantação de um referencial curricular nacional para a área de Geografia - Os Parâmetros curriculares Nacionais⁴ (BRASIL, 1997).

Isso pode ser constatado quando tomamos contato com as orientações teórico-metodológicas impressas no referido documento. Todos os eixos, temas e conteúdos programáticos selecionados para essa área do ensino foram estruturados tendo como fio condutor algumas das categorias geográficas, quais sejam lugar, paisagem, território e região. Segundo os autores dos PCNs, a compreensão dessas categorias é condição necessária para que o aluno compreenda o espaço, o qual é objeto de estudo da Geografia.

Isso a nosso ver é algo importante, pois a apropriação, por parte do aluno, do significado dessas categorias constitui uma das condições para que ele compreenda as espacialidades que resultam da relação sociedade-natureza, principalmente daquelas que nós temos visto se configurarem mundialmente nos últimos tempos. O que, para nós, representa a oportunidade de edificação de um ensino de Geografia como instrumento de conscientização e libertação do indivíduo.

Por outro lado, a nossa atuação como professora de Geografia da rede pública de ensino há 19 anos, as nossas reflexões sobre esse assunto e o nosso contato com os professores de Geografia – tanto no trabalho como em oficinas pedagógicas e cursos ministrados por nós nos últimos anos – têm nos mostrado uma realidade a qual tem nos levado a algumas indagações: será que essas discussões se concretizaram nas esferas do ensino básico tendo em vista que já se passaram 11 anos da introdução dessas discussões por meio do referencial curricular nacional? Os professores se apropriaram dessas renovações teórico-metodológicas? O conhecimento geográfico veiculado pelos livros didáticos de geografia tem se mostrado atualizado com as reflexões realizadas no âmbito da Geografia Acadêmica?

Essas indagações nos remeteram a uma investigação junto a 51 professores de Geografia que atuam no ensino fundamental das escolas situadas no perímetro urbano de Marília, e a uma análise do conteúdo dos livros didáticos utilizados por esses professores. O que nos levou a constatar que as discussões teórico-metodológicas existente no âmbito da Geografia escolar em relação ao significado das categorias geográficas de lugar, paisagem, território e região e sua aplicabilidade no ensino muito pouco acompanhou as produções teóricas da academia. O que significa dizer que o

⁴ A partir desse momento utilizaremos o termo PCNs quando nos referirmos a esse documento

conhecimento geográfico ensinado na escola está muito aquém daquele produzido pela Geografia acadêmica e daquele que se pretende construir para a formação do indivíduo consciente e atualizado sobre sua realidade.

Nesse contexto o presente trabalho objetiva apresentar alguns dados que obtivemos, através de nossa investigação, sobre o significado da categoria lugar.

Inicialmente apresentaremos algumas reflexões presentes no âmbito da Geografia acadêmica sobre o conceito de lugar. Em seguida iremos expor algumas conclusões obtidas a respeito do conceito de lugar no âmbito da Geografia escolar.

1. A Geografia acadêmica e o conceito de lugar

Durante muito tempo a Geografia considerou o lugar como a expressão do espaço geográfico na escala local: dimensão pontual no sentido de localização geográfica. Nos últimos anos o lugar tem sido analisado de forma mais abrangente.

Na Geografia esse conceito tem sido discutido com mais intensidade dentro de duas de suas vertentes: a da Geografia Humanista e a da Geografia Crítica. Iniciaremos com algumas considerações a respeito do conceito de lugar na perspectiva da vertente humanista.

A Geografia Humanista surgiu entre os geógrafos na década de 70, como uma crítica à Geografia de cunho lógico-positivista. Ela se faz “calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo” (CORRÊA, 2003a, p.30).

Esta corrente contrapõe-se àquelas que estudam a organização do espaço apenas com base nos processos de produção, ou seja, nos fatores materiais de existência da sociedade.

Para Corrêa,

A Geografia Humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal, e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (2003a, p. 30)

Nessa corrente de pensamento o lugar é encarado como espaço vivido, experienciado, contribuindo para determinar a identidade dos indivíduos e grupos, os quais acabam por criar laços afetivos com ele.

Para Tuan (1983), um dos principais representantes dessa corrente de pensamento, o lugar é o centro de significados construídos pelo indivíduo. No estudo do lugar são considerados os sentimentos espaciais, as idéias de um grupo ou um povo sobre o espaço, a partir da experiência.

Segundo Silva, (1986) para a Geografia Humanista “o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência”. Assim, “o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia ou tensão”. (SILVA, 1986, p.55).

Nessa concepção, o lugar é uma dimensão do espaço que não será compreendido apenas através da análise de fatos objetivos presentes na realidade, mas também através da análise de fatos subjetivos da realidade, como os sentimentos, as sensações e a percepção que os indivíduos têm do espaço onde vive.

Leite (1998), em uma abordagem que realizou sobre o conceito de lugar, tendo como referência a obra de geógrafos humanistas, nos mostra que segundo esses intelectuais

Os lugares não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque sendo uma construção subjetiva e ao mesmo tempo tão incorporada às práticas do cotidiano que as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. Este senso de valor só manifesta-se na consciência quando há a ameaça do lugar como a demolição de um monumento considerado importante. (LEITE, 1998, p. 12)

Para essa autora a experiência do lugar manifesta-se também em diferentes escalas. Todas as pessoas vivem rodeadas por camadas concêntricas de espaço vivido, tais como o lar, a vizinhança, a cidade, a região e a nação. Tais entidades, segundo a autora, são lugares experienciados diretamente. A cidade e a nação, embora não sejam conhecidas integralmente por cada um dos indivíduos são centros de significados para os indivíduos, e os grupos.

Isto nos faz atentar para o caráter imensurável do lugar. O lugar é um espaço que não se delimita e não se explica pela sua localização geográfica. Ele pode ser a casa, a rua, a região. O que importa é o grau de identidade entre pessoas/grupos e o lugar a que se refiram (MAIA, 2002)

Corrêa (2003b), ao teorizar sobre os pressupostos da Geografia Humanista, diz que na concepção desta corrente teórica “o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido” (p.30).

Para ele, o lugar – sinônimo de espaço vivido – se organiza não só em função das necessidades vitais imediatas dos indivíduos, mas também em função das suas aspirações, das suas crenças e do mais íntimo de sua cultura. Enfim, trata-se do espaço que se relaciona com o afetivo e com o imaginário dos indivíduos que o construíram.

Para Lencioni (2003, p. 153), o espaço vivido é a principal referência da Geografia Humanista. Trata-se do espaço construído socialmente a partir da percepção das pessoas, ao mesmo tempo interpretado pelos indivíduos e revelador das práticas sociais. Segundo a autora, essa corrente do pensamento geográfico concebe o lugar

não como um lugar em si, um lugar objetivo, mas como algo que transcende sua materialidade, por ser repleto de significados (...). Reiterando, o lugar transcende sua realidade objetiva e é interpretado como um conjunto de significados. Nesse sentido, os monumentos, as obras de arte, assim como cidades, são lugares porque são um conjunto de significados. (Ibidem, p.154)

No contexto da Geografia Crítica o lugar é concebido como “a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua” (CARLOS, 1996, p. 20). É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Santos (1997) considera que o lugar constitui a dimensão da existência, a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. Mas chama a atenção para o fato de que é preciso manter o significado de lugar ligado com o significado de mundo, pois considera que “cada lugar é, ao mesmo tempo objeto de uma dada razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. (Ibidem, p. 273)

Para este autor

Cada lugar a sua maneira é o mundo (...). Mas também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferentes dos demais. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade (...). Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo encontra-se em toda parte. (SANTOS, 1997, p.252)

Isso significa que o lugar não pode ser analisado como um espaço passivo e com a existência em si mesmo, é preciso considerá-lo globalmente ativo, pois é através do lugar que enxergamos o mundo. “o mundo, nas condições atuais, visto como um todo é

nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência” (SANTOS 1996).

Essa concepção de lugar considera esse espaço como resultado do movimento dialético entre o local e o global.

Assim, pensar o lugar é pensar a história particular se realizando em função de uma cultura, tradição, língua, hábitos que lhe são próprios, com o que vem de fora, isto, são tudo aquilo que vai se impondo como consequência do processo de construção do global. (CARLOS, 1996)

Assim, pensar o lugar na concepção da Geografia crítica é considerá-lo como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. (CARLOS, 1996). Nas palavras de Santos (1997) é pensar o lugar tanto como uma expressão de uma dinâmica que é única como uma expressão da globalidade.

Como vemos apesar das diferenças de concepção sobre o conceito de lugar as duas vertentes comungam em dois pontos. O primeiro deles é que na abordagem do lugar é preciso ultrapassar a simples noção de localização geográfica e o segundo se refere à necessidade de conceber o lugar como um espaço que tem a ver com a cultura e com a existência de quem o habita.

2- A Geografia escolar e o conceito de lugar

2.1 Os professores e o conceito de lugar

A partir das entrevistas procuramos captar o conhecimento teórico-metodológico do professor a respeito do conceito de lugar e alguns procedimentos metodológicos utilizados pelo professor, junto aos alunos, para concretização do ensino desse conceito.

Com relação ao significado de lugar, do total dos professores entrevistados, dois deles não souberam dar o significado. O que nos levou a crer que esses não têm tido contato com as produções científicas sobre o conceito

A maioria dos professores considera o lugar como a expressão do espaço geográfico na escala local: dimensão pontual no sentido de localização geográfica.

Com já discutimos anteriormente, tanto na Geografia Humanista, SILVA, (1986), LEITE (1998), MAIA (2002) e CORRÊA (2003a) como na Geografia Crítica, CARLOS (1996) e SANTOS (1997) os lugares não se explicam por sua localização

geográfica não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Esse é uma construção subjetiva à medida que “é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua” (Carlos, 1996, p. 20).

Segundo Tuan (1983, p. 6) o espaço só se torna lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Nesses termos o significado de lugar ultrapassa o de mera localização geográfica e o de espaço absoluto.

Os lugares não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque sendo uma construção subjetiva ao mesmo tempo tão incorporada às práticas do cotidiano que as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. (LEITE, 1998, p. 12)

Além disso, a experiência do lugar manifesta-se também em diferentes escalas. Todas as pessoas vivem rodeadas por camadas concêntricas de espaço vivido, tais como o lar, a vizinhança, a cidade, a região e a nação. A cidade e a nação, embora não sejam conhecidas integralmente por cada um dos indivíduos, são centros de significados para os indivíduos e os grupos. (LEITE, 1998)

Nessa direção Callai (2002, p. 107) quando discorre sobre as várias possibilidades de estudar o lugar nos chama atenção para o seguinte:

Um lugar é a reprodução, num determinado tempo e espaço, do global, do mundo. As relações não são pautadas pelo espaço, pela proximidade, pela contigüidade, muito pelo contrário, ultrapassam as distâncias lineares e contínuas. Estabelecendo-se a partir de interesses, que são externos na maioria das vezes.

A partir disso, quando analisamos as respostas dos professores, percebemos que esses limitaram o lugar como um espaço necessariamente próximo fisicamente do aluno e com o qual ele tem contato direto.

Outro grupo de professores, em um primeiro momento, nos leva a pensar que estão concebendo o lugar para a além da localização geográfica, mas quando foram questionados de forma mais incisiva a compreensão que tivemos é de que o lugar para eles tem o sentido de um espaço físico próximo ao aluno no sentido de localização geográfica. Esses nos confirmaram que o que caracteriza o lugar é necessariamente o contato físico do indivíduo com determinado espaço, no sentido de conhecer e ter a oportunidade de presenciar e ficar a par da paisagem de um determinado espaço, uma cidade, país, etc. Para

esses professores quanto mais cidades o indivíduo circula maior número de lugares que ele conhece.

Somente quatro dos professores entrevistados apontaram outra dimensão do conceito de lugar além da dimensão da localização geográfica. Esses evocaram a dimensão cultural do espaço

Em seguida levamos o professor a descrever uma atividade de ensino realizada com seus alunos em que ele considera que esteja trabalhando o conceito de lugar.

Nesse momento captamos que mesmo os professores que evocaram a dimensão cultural para explicar o significado de lugar ao se referirem as suas metodologias de ensino consideram que estão trabalhando o significado de lugar com seus alunos quando os levam a conhecer a localização geográfica do local onde vivem, tais como a escola ou sua residência, seja no bairro, na cidade ou em outras escalas geográficas, como o país e o continente. Isto fica claro quando eles apontam que os recursos utilizados para tal são: a lista telefônica, para levar os alunos a localizarem a rua e o bairro onde moram no contexto do município, no mapa de Marília; mapas de diversas escalas visando à localização pelo aluno do seu local de moradia; passeio ao redor da escola a fim de que os alunos construam croquis do seu entorno; observação e desenho do trajeto da casa até a escola, e também quando levam o aluno a observar, descrever e listar elementos existentes em seu bairro ou no seu município, como por exemplo, enumerar os serviços existentes no bairro e no município; descrever as características físicas do bairro como altitude, declividade; identificar se o município está situado em região de planície ou de planalto e quais as vias de acesso são utilizadas para chegar do centro urbano até o bairro de sua moradia, ou mesmo as indústrias existentes em seu bairro ou em seu município.

Somente um dos professores em sua resposta foi coerente com o que respondeu sobre o significado de lugar. Esse em sua resposta sobre a metodologia disse que considera ter trabalhado o conceito de lugar com o aluno quando pediu para que um aluno, migrante do Estado de Santa Catarina, falasse sobre as diferenças existentes entre o seu sentimento por São Joaquim – lugar de origem – e o seu sentimento por Marília – lugar de destino. Embora demonstrando pouca sistematização da atividade de ensino, vimos que esse recorreu à dimensão subjetiva do espaço, ou seja, a noção de espaço vivido.

A partir dos resultados obtidos sobre o conhecimento dos professores a respeito do significado da categoria lugar, concluímos que ainda há muito que caminhar para que o conhecimento veiculado no Ensino Fundamental acompanhe de fato as discussões ocorridas na universidade a respeito do significado da categoria lugar.

2.2 - O Livro Didático de Geografia e o conceito de lugar.

As entrevistas nos apontaram que o livro didático de Geografia além de ser o principal referencial teórico do professor do Ensino Fundamental, é também o principal recurso didático utilizado para promover o contato do aluno com o conhecimento geográfico.

Essa conclusão levou-nos a realização de uma investigação sobre a natureza do conhecimento geográfico veiculado por esses manuais. De modo mais específico, da natureza das reflexões realizadas sobre o significado de lugar.

Para a seleção dos livros a serem analisados levantamos o nome daqueles que foram os mais citados durante as entrevistas e a partir desse levantamento selecionamos aqueles cujo uso é mais freqüente pelos professores. Para tanto, pedimos para os entrevistados citarem o nome de três autores com os quais eles têm tido contato, o que resultou 153 citações. A tabela a seguir apresenta os autores citados pelos professores, a classificação de cada um e número de vezes em que foram citados.

CLASSIFICAÇÃO	AUTOR	NÚMERO DE CITAÇÃO
1º	Melhem Adas	51
2º	José Willian Vesentini e Vânia Vlach	50
3º	José Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira	16
4º	Elian Alab Lucci	6
4º	Igor Moreira	6
4º	Celso Antunes	6
4º	Raul Borges Guimarães	6
5º	Vagner Costa Ribeiro	5
6º	Levon Boligian	4
7º	Helio Costa Garcia	3
TOTAL DE CITAÇÕES		153

Entre esses, Melhem Adas foi o autor mais citado pelos professores entrevistados, em segundo lugar classificou-se José Willian Vesentini e o terceiro lugar foi

ocupado por José Eustáquio de Sene. Os demais autores foram citados de forma esporádica cuja frequência se mostrou insignificante em relação àquela com que os três primeiros autores foram citados. Cabe lembrar que o autor José Eustáquio de Sene não foi citado nenhuma vez como a primeira opção dos professores e que Melhem Adas foi a primeira opção de todos os professores.

Outro fato importante a se destacar é que das escolas visitadas, todas possuem a coleção dos autores Melhem Adas e José William Vesentine e que somente quatro escolas possuem a coleção do autor José Eustáquio de Sene.

A partir desses resultados, resolvemos realizar uma análise do conteúdo geográfico veiculado pelos livros desses autores, os quais totalizam 12 exemplares, uma vez que os livros desses autores estão organizados em coleções compostas de quatro livros, um para cada série do 3º e do 4º ciclos do Ensino Fundamental.

As coleções objeto de nossa análise foram

- **COLEÇÃO GEOGRAFIA** – Autor Melhem Adas – Editora Moderna.
- **COLEÇÃO GEOGRAFIA CRÍTICA** – Autores José William Vesentini e Vânia Vlach – Editora Ática.
- **COLEÇÃO TRILHAS DA GEOGRAFIA** – Autores: José Eustáquio de SENE e João Carlos Moreira – Editora Scipione.
-

Apresentaremos agora os resultados da análise que realizamos das referidas coleções.

2.2.1- COLEÇÃO GEOGRAFIA Autor: Melhem Adas Editora: Moderna.

Nessa coleção as discussões a respeito do significado de lugar aparecem somente no exemplar destinado à 5ª Série, nos demais exemplares elas estão ausentes. Essas ocorrem no primeiro capítulo quando o autor se propõe a discutir o conceito de espaço. Para tanto utiliza inicialmente o significado de espaço presente no Dicionário Aurélio: “*o espaço é o lugar mais ou menos bem delimitado, cuja área pode conter alguma coisa*”. A partir disso foi possível deduzir que o autor considera o lugar como sinônimo de espaço físico.

Essa nossa percepção se confirma quando o autor procura ilustrar essa definição utilizando exemplos concretos da vida do aluno:

Observe sua sala de aula.

-Ela ocupa um lugar ou espaço do prédio de sua escola.

-Ela contém várias coisas: carteiras, mesas do (a) professor (a), o quadro-de-giz, lixeira, apagador, cadernos, livros, lápis, pessoas, etc.

-Ela é delimitada, ou seja, possui limites (os seus limites são suas paredes)

Além dos limites, ou seja, das paredes de sua sala existem outros espaços no prédio de sua escola: o do corredor, de outras salas de aula, da secretaria, da sala da diretoria, da biblioteca, dos banheiros, do pátio da escola, da cantina, etc.

E além dos limites de sua escola, ou seja, dos muros que a delimitam, existem muitos outros espaços: o espaço ocupado por outras construções (casa, prédios de apartamentos ou comerciais, terrenos vazios, etc.) pelas ruas, pelo quarteirão, pelo bairro, pela cidade etc. (...)

O mesmo acontece com o quarto onde você dorme. Ele ocupa um lugar ou certo espaço de sua casa (...) e é também delimitado por paredes.

Da mesma forma que a sala de aula ocupa um lugar ou uma parte do espaço do prédio de sua escola e o quarto ocupa um lugar ou um certo espaço de sua casa, as coisas que existem na sala de aula e no quarto também ocupam um espaço ou lugar (...)

O espaço possui muitas dimensões ou tamanhos. Pode ser de dimensão muito pequena como, por exemplo, o espaço ocupado por um grão de areia. Pode ter muitas outras dimensões, como o ocupado por um livro, uma sala de aula, um quarto, um prédio de escola (...). Cada coisa ocupa um lugar no espaço ou uma parte de um espaço maior. (ADAS, 2002, p10-11)

Outra conclusão que chegamos ao analisar essas palavras é a de que o autor concebe o lugar como um espaço objetivo e concreto e unicamente como o espaço da localização geográfica. Em nenhum momento detectamos a intenção do autor em considerar a dimensão subjetiva do lugar.

Posteriormente, no mesmo exemplar, o autor procura mostrar ao aluno que o lugar onde ele reside com o tempo foi muito transformado pelo homem, por essa razão ele é considerado espaço humanizado. Nesse momento, a nosso ver o autor comete certa confusão conceitual.

A cidade onde você mora ocupa um certo espaço ou lugar da superfície da terra. Antes de as primeiras pessoas chegarem ao lugar ou ao espaço onde se situa a sua cidade, havia aí uma natureza original, isto é, uma natureza (solo, vegetação, rios e córregos, clima e fauna) que não tinha

sido modificada pela ação humana. Existia, então, um espaço que podemos chamar de espaço natural.

(...) Assim com a chegada das primeiras pessoas e famílias ao espaço e ao lugar onde se situa sua cidade ou município o espaço rural que aí existia foi sendo transformado ou alterado. Elas foram humanizando-o, ou seja, deixando as marcas de sua atuação ou ação no espaço natural.

Assim, as pessoas que chegaram ao lugar ou espaço onde hoje existe o seu município foram modificando ou transformando o espaço natural ou a paisagem natural (...). Construíram, pelo trabalho, um novo espaço. Esse espaço construído ou produzido pelo ser humano é o espaço geográfico. (ADAS, 2002, p. 13-14, grifo nosso).

Nessa discussão, além de o autor reafirmar a sua convicção de que lugar é um espaço mensurável e concreto ele induz o leitor a conceber que lugar, espaço, espaço natural e paisagem natural possuem o mesmo significado.

Além de o autor não ter incorporado as inovações teórico-metodológicas produzidas pela academia a respeito do significado de lugar, ele comete uma confusão conceitual sobre os outros conceitos importantes da Geografia.

2.2.2 - COLEÇÃO GEOGRAFIA CRÍTICA. Autores: José William Vesentini e Vânia Vlach. Editora: Ática.

As discussões a respeito do lugar acontecem no exemplar destinado a 5ª série. Logo no primeiro capítulo, ao apresentarem o significado de espaço, os autores concebem o lugar como sinônimo de espaço da localização geográfica. Isso fica claro no seguinte trecho:

(...) cada coisa ocupa um lugar, ou seja, uma porção específica do espaço. Sempre que fazemos a pergunta *onde?*, estamos nos referindo ao espaço.

O espaço, portanto, refere-se ao *lugar* que as coisas ocupam e onde os fatos ocorrem.

Podemos ainda nos referir ao espaço usando outros termos que servem para medi-lo ou descrevê-lo como: lugar, região, área, localidade, território, distancia, etc. (VESENTINI e VLACH, 2003 p. 8-9, grifos dos autores).

No entanto, é no segundo capítulo intitulado “*A sociedade moderna e o espaço*”, especificamente no item *O espaço de vivência do ser humano*, que as discussões

se fazem mais presentes. Aí a concepção de lugar continua atrelada à noção de espaço da localização geográfica.

Assim como os objetos e os acontecimentos, nós seres humanos, também ocupamos um lugar no espaço e situamo-nos no tempo. Vivemos uma certa época e moramos num lugar. A humanidade ocupa um espaço, que é o *espaço geográfico*. (VESENTINI e VLACH, 2003, p. 14, grifo dos autores).

Em seguida, os autores utilizam exemplos mais concretos para que o leitor-aluno consiga compreender de forma mais significativa o que vem a ser o espaço. Nesse sentido assim o fazem

Vamos tomar como exemplo o lugar, ou seja, uma parcela do espaço onde vive a estudante Renata, uma garota de nossa época. Renata vive em nosso país. Ela mora num apartamento com os pais. Vamos observar a planta ou desenho do apartamento de Renata (...).

O quarto de Renata é o seu espaço mais pessoal. É o lugar onde ela dorme, estuda, fica sozinha. O quarto é uma parte do apartamento onde Renata mora. (...)

Esse apartamento está localizado no 7º andar de um edifício onde existem outros apartamentos semelhantes, ocupados por outras famílias. O edifício, por sua vez, localiza-se numa rua. E a rua fica num bairro, como podemos ver no mapa que localiza a rua onde Renata mora e tudo o que fica nas proximidades.

Mas o espaço de Renata não é só esse. É o conjunto formado pelos lugares onde ela vive, passeia, estuda, brinca, viaja (...). (Ibidem, 2003, p.14-15)

Na seqüência, ainda utilizando o exemplo de Renata, os autores percorrem todos os níveis de dimensões espaciais de localização geográfica. Eles iniciam pelo lugar da casa e do bairro, em seguida a cidade e o Estado, o país, o continente e finalmente o planeta Terra.

Nessa direção concluem as discussões a respeito do lugar admitindo ao leitor que o lugar não deve necessariamente ser concebido como um espaço próximo do aluno com o qual ele mantém contato físico. Mas a todo o momento eles deixam claro que concebem o lugar unicamente como o espaço da localização geográfica.

Agora já conhecemos todo o lugar onde vive Renata. Certamente, esse espaço tem diferenças em relação ao lugar onde você vive, mas também tem muitas semelhanças; As diferenças são de caráter mais pessoal mais restrito: você mora em outra residência, em outro bairro, talvez em outra

cidade e em um outro estado. Mas está no mesmo país que ela vive, igualmente no mesmo planeta e na mesma época.

Como você vê, o espaço de vivência do ser humano possui vários *níveis* ou *dimensões*. A menor dimensão do nosso espaço é a nossa casa e a maior é a superfície terrestre, que se encontra atualmente dividida em quase duzentos países ou nações (...)

(...) o espaço de vivência do ser humano e da sociedade humana, como um todo, *o espaço geográfico*, restringe-se ao nosso planeta. (Ibidem, p.16-17, grifos do autor)

Verificamos, também através do trecho apresentado acima, que a forma dos autores se expressarem pode levar o aluno-leitor a conceber que o lugar, espaço de vivência e espaço geográfico são sinônimos.

2.2.3 - COLEÇÃO TRILHAS DA GEOGRAFIA. Autores: José Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira. Editora: Scipione.

As discussões apresentadas pelos autores dessa coleção mostraram-se atualizadas com o que tem se discutido no Ensino Superior sobre o significado de lugar.

Depois de promoverem uma reflexão sobre o significado de paisagem no capítulo 1 do exemplar destinado à 5ª série, no capítulo 2, no item intitulado por *Desvendando o lugar onde vivemos*, os autores iniciam as discussões sobre o lugar.

O lugar é a parte do espaço geográfico onde vivemos e interagimos com a paisagem. É também no lugar que estabelecemos nossas relações com outras pessoas, que criamos nossos laços afetivos, nossas lembranças e, assim, acabamos criando uma identidade, uma ligação com a própria paisagem desse lugar.

Lugar em geografia, portanto, indica a localização e muito mais: inclui as formas naturais e as formas construídas da paisagem, e também as relações humanas. O lugar é a paisagem carregada de significados, de coisas que são importantes para nós, porque fazem parte do nosso dia-a-dia ou das nossas lembranças.

Podemos nos identificar criar uma ligação com um lugar, e nos lembrar dele por sua paisagem (...) ou por seus cheiros.

Também podemos recordar de um lugar pelos seus sons (...) ou até pelos seus sabores.

Também nos identificamos com lugares especialmente pelas relações pessoais, duradouras ou passageiras, que construímos neles: as pessoas

da família que lá encontramos as pessoas da escola, as que cuidaram de nós, nossos amigos, amores e também as pessoas com quem tivemos brigas ou confusões. Enfim, a parte visível de um lugar é sua paisagem, mas além dela, o lugar incorpora as relações humanas, tanto as de cooperação como as de conflito.

É no lugar que se materializam as relações entre grupos de pessoas, sejam as ações de solidariedade ou de conflitos sociais. No lugar as pessoas trabalham, produzindo e distribuindo a riqueza de forma mais ou menos desigual.

Hoje, embora nosso dia-a-dia continue a acontecer no lugar, como resultado dos avanços tecnológicos nas comunicações, não estamos mais restritos aos seus acontecimentos. (SENE e MOREIRA, 2001, p.34)

A partir disso verificamos que os autores se preocupam em ultrapassar a concepção de lugar como o espaço da localização geográfica na medida em que procuram ressaltar a dimensão subjetiva que envolve o significado de lugar. Outro fato importante é o da preocupação existente por parte dos autores em estabelecer as relações e as diferenças existentes entre a paisagem e o lugar. Além disso, os autores procuraram chamar atenção para a importância de uma contextualização do lugar no momento histórico vivido por nossa sociedade.

Além de oferecer uma discussão teórica sobre o significado dessa categoria, os autores propõem atividades que levam os alunos a interagir com o lugar de vivência.

No exemplar destinado à 6ª série as discussões sobre o lugar aparecem no capítulo 1, intitulado *A história dos Lugares*. Nesse não existem discussões sobre o significado de lugar, mas os autores procuram mostrar, através do uso de fotografias antigas e recentes de diversos lugares, as transformações ocorridas nas paisagens dos lugares ao longo do tempo. Além de levar o aluno-leitor a uma reflexão sobre as prováveis causas das transformações e das permanências da paisagem do lugar.

No exemplar destinado à 7ª série não identificamos discussões específicas a respeito do significado de lugar.

No exemplar destinado à 8ª série os autores retomam as discussões sobre o lugar, quando promovem uma discussão sobre o processo de globalização. Isso fica claro no trecho abaixo, retirado do referido exemplar:

Certos elementos da globalização – objetos de consumo, modismos, mensagens da mídia global, marcas de empresas globais, aparelhos de comunicação, grandes infra-estruturas de transportes, etc. – materializam-se na paisagem do lugar onde as pessoas vivem. (Ibidem, 2001, p.12)

Esse fato se vê reforçado no capítulo 4 do mesmo exemplar, o qual é intitulado *As cidades Globais*. Em um texto complementar intitulado *Lugar e Globalização* assim os autores se manifestam

O conceito geográfico de lugar é fundamental para o entendimento dos fluxos da globalização. Lugar, para a Geografia, inclui as formas naturais e as formas construídas da paisagem e também as relações humanas. O lugar é a paisagem carregada de significado, de coisas que são importantes para nós porque fazem parte do nosso dia-a-dia. Ou das nossas lembranças. É a porção do espaço geográfico onde se desenrola o cotidiano dos indivíduos.

É no lugar que se instalam os fluxos da globalização e não no espaço geográfico como um todo. Os fluxos dão-se em redes através do espaço geográfico mundial e os nós dessas redes são os lugares. Não podemos esquecer que quem comanda os fluxos da globalização são pessoas. Tudo isso é uma criação humana: a infra-estrutura que permite a instalação dos fluxos, as normas que os regulamentam e, claro, as palavras que os definem.

Todos os fluxos da globalização fazem parte do espaço geográfico: ajudam a modelá-lo e são modelados por ele. Por exemplo, o fluxo de capitais produtivos leva a instalação de fábricas, supermercados, hotéis, etc. que modificam o espaço geográfico não apenas no lugar onde se instalaram (...).

Com a Globalização, o próprio conceito de lugar deve ser redefinido. Hoje as pessoas não estão mais restritas ao seu lugar, como acontecia em um passado não muito distante. Cada vez mais as pessoas viajam pelo mundo, tomando contato com outros lugares, outros povos e outras culturas. Mesmo para quem não viaja, seu lugar, devido aos avanços das telecomunicações (televisão, telefone, internet. etc.) , passou a receber informações que vêm de vários outros lugares. Nesse contexto, podemos dizer que o lugar se ampliou, e mesmo que, virtualmente, as possibilidades de contato entre as pessoas se alargaram. (Ibidem, p. 92)

Aí percebemos certo desencontro com o que foi discutido anteriormente, nos dois primeiros exemplares, sobre o significado de lugar. Isso porque nas discussões realizadas pelos autores deixaram clara a concepção do lugar como um espaço subjetivo que ultrapassa o sentido de localização geográfica. Adotaram uma concepção sintonizada com os pressupostos da fenomenologia. Nas discussões realizadas no exemplar da 8ª série, apesar de recorrerem a uma definição de lugar utilizada anteriormente, os autores se aproximaram mais da concepção construída sob os pressupostos do materialismo histórico e dialético, porém sem promover um aprofundamento desta. Isso a nosso ver fez com que o lugar ficasse como o espaço físico e o da localização geográfica. As discussões realizadas

nos primeiros exemplares – 5ª e 6ª séries – não servirão para compreender o sentido de lugar utilizado nessa etapa da escolaridade.

Apesar dessa contradição apresentada pelos autores, podemos considerar que das três coleções analisadas essa foi a que mais se mostrou atualizada em relação às discussões sobre o significado de lugar. O que se mostra contraditório tendo em vista que das três coleções utilizadas essa é menos expressiva entre os professores entrevistados e entre as escolas visitadas

Esse fato torna-se bastante preocupante, pois através de uma análise que realizamos do conteúdo dos principais livros didáticos utilizados pelos professores entrevistados, pudemos constatar muitas contradições teórico-metodológicas. O conteúdo desses manuais de ensino, no que se refere ao significado das categorias geográficas analisadas, também se encontra bastante desatualizado em relação ao que se discute no Ensino Superior.

3-Considerações Finais

Para que a Geografia Escolar se edifique como um instrumento de conscientização do indivíduo sobre sua realidade espacial, é muito importante que ela se mantenha atualizada em relação às produções teóricas da universidade. Somente assim ela poderá oferecer elementos para que o aluno compreenda o espaço geográfico, dialogue com ele e amplie a sua visão de mundo, a sua consciência de suas responsabilidades e direitos. A nossa pesquisa apontou para uma grande problemática vivenciada pela Geografia escolar: o desencontro teórico metodológico entre esta e a Geografia acadêmica.

A partir dos resultados obtidos com nossa pesquisa podemos considerar que íntimas relações existem entre o conteúdo dos livros didáticos, no que diz respeito ao significado de lugar e a concepção que os professores possuem a respeito do significado dessa categoria.

Verificamos que as duas coleções didáticas mais utilizadas pelos professores veiculam uma concepção de lugar como espaço físico e absoluto, espaço da localização geográfica. Em nenhum momento detectamos aí uma abordagem do lugar enquanto um espaço subjetivo.

No que tange ao conhecimento do professor sobre conceito de lugar, com exceção de alguns professores, esse fato se repetiu, principalmente quando o professor expõe atividades de ensino realizadas com os seus alunos para trabalhar o conceito de lugar. Se observarmos as respostas dos professores e o conteúdo dos livros didáticos, temos que muitas respostas coincidem com o exposto pelos autores em seus livros. A superficialidade com que os autores abordam o conceito de lugar foi refletida no conhecimento do professor. Conhecimento esse que não ultrapassa o do senso comum. Não identificamos nas respostas dos professores nenhum traço das discussões realizadas na última coleção analisada.

O fato de os professores de Geografia terem no livro didático seu principal instrumento de atualização teórico-metodológica nos remete a algumas indagações sobre o futuro do ensino de Geografia enquanto instrumento de formação do indivíduo consciente. O que esperar de um ensino cujo professor não possui um conhecimento consistente a respeito da ciência que é referência de sua disciplina? Como esse professor poderá desenvolver junto ao aluno o raciocínio geográfico para que ele possa pensar o mundo atual em sua complexidade espacial? O que esperar de um ensino cujo instrumento de formação do professor sobre o conhecimento geográfico é o mesmo dos alunos – o livro didático? Quais ações precisam ser implantadas pelas autoridades educacionais para que o professor tenha acesso a outros veículos de formação a respeito da natureza teórico-metodológica da ciência geográfica? Como conscientizar o professor sobre o seu papel de agente da sua própria formação?

As respostas a essas indagações devem ser construídas por todos os profissionais da área, seja os que atuam no âmbito da Geografia escolar seja os que atuam no âmbito da Geografia Acadêmica. Por todos aqueles que de uma forma ou de outra têm se envolvido com movimentos que visam à melhoria da qualidade do ensino público e gratuito do país.

Muitos são os fatores que determinam essa problemática e também muitas são as ações que precisam ser implantadas para solucioná-la. A nosso ver, esse constitui um grande desafio para as autoridades educacionais brasileiras!

Referências Bibliográficas

ADAS, Melhem. Geografia, volumes 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. 4^a edição. São Paulo: Moderna. 2002.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 5^a a 8^a Séries.** Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **-Parâmetros Curriculares Nacionais** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. V.5.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p. 83-134.
- CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- CORREA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2003a
- CORREA, Lobato. R. CASTRO, Iná. E. GOMES, Paulo C. C., (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia e Práticas de Ensino.** Goiânia: Editora Alternativa, 2002.
- LEITE, Adriana Filgueira. “O Lugar duas acepções Geográficas”. In: **Anuário Estatístico de Geo Ciências.** Rio de Janeiro: UFRJ, volume 21, 1998, p.9-20.
- LEITE, Maria Ângela F. P. L **Destruição ou Desconstrução? Questões da paisagem e tendências de regionalização.** São Paulo: Hucitec, 1994.
- MAIA, Rosemeire Santos. **Shopping Center- O afrouxamento da promessa de assepsia e o lugar da pobreza nos templos de consumo das cidades contemporâneas,** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002(Tese de Doutorado)
- MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão.** Petrópolis: VOZES, 1982.
- MOREIRA, Ruy **O Discurso do Averso.** Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora Ltda, 1987.
- PAGANELLI, Tomoko Lyda Paganelli. Reflexões sobre categorias , conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. In: PONTUSCHKA, Nídia. Nacib. &
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço-Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao Lugar;** São Paulo: EDUSP. 2005.
- SENE Eustáquio de & MOREIRA, João Carlos. **Trilhas da Geografia,** volumes 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. São Paulo: Scipione. 2000.
- SHOUMAKER, Bernadette Merenne. **Didática da Geografia.** Lisboa: Edições ASA, 1999.(Coleção Horizontes da Didática)
- SILVA, Armando Corrêa da Silva. **O Espaço Fora do Lugar.** São Paulo: Hucitec, 1978.
- SILVA, Armando C. “Fenomenologia e Geografia”. In: **REVISTA ORIENTAÇÃO** n. 7. São Paulo: Departamento de Geografia/ USP. p.53-56. 1986.
- TUAN, Y.F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.
- VESENTINI, José W. & VLACH, Vânia. **Geografia Crítica.** Volumes: 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. São Paulo: Atica. 2002.

VIEIRA, Noemia R. **As relações entre o conhecimento científico e a realidade imediata do aluno no ensino de Geografia.** Marília: UNESP, 2000. Dissertação.

RADIOFONIA E AS “RAÍZES CAIPIRAS” DA MÚSICA POPULAR URBANA

Prof^a. Dr^a. Maria Inez Machado Borges Pinto.

Livre-Docente do Depto. de História da FFLCH-USP.

O quadro de ampliação constante das formas de entretenimento popular e urbano vinculados à música popular consolidou-se no Brasil nos anos 1930-1940 com a expansão da indústria radiofônica e fonográfica. As empresas radiofônicas tornaram-se os principais eixos da propagação da música popular, alterando de forma significativa a produção artística musical. Assim, na cidade de São Paulo, marcada por diversas transições e fusões das tradições musicais das festas populares (religiosas e profanas), calcadas nas matrizes rurais, bem como envolvendo elementos culturais africanos e indígenas, assim como de imigrantes de várias nacionalidades, sobretudo, italianos, as canções populares começaram a ser produzidas e divulgadas pelos crescentes meios de difusão cultural, que apontavam para um cosmopolitismo bastante tenso e difuso.

Nas décadas de 1930-1940, as emissões radiofônicas paulistas criaram novas formas de produção e recepção cultural, organizando um mercado próprio de bens culturais. Neste sentido, cabe ressaltar que as influências da radiofonia se multiplicaram em inúmeras formas, originando situações ambíguas, contraditórias e conflituosas no contexto cultural paulistano. As tensões desse quadro cultural, nascidos nos anos 1930, com o advento dos meios de comunicação, marcariam de forma permanente o processo de produção, disseminação e consumo da música popular nas décadas seguintes. Os novos meios técnicos de difusão cultural, os discos e radiofonia foram de importância fundamental para música popular na ampliação de seu universo cultural, entre a produção e o consumo.ⁱ

Se, de um lado, o rádio imprimiu um ritmo anárquico, quase industrial, nas produções musicais, com a finalidade de atender às demandas dos emergentes programas radiofônicos; de outro, possibilitou o escoamento de uma rica produção musical existente. Em São Paulo, o rádio nasceu atento a um tipo de cultura que tinha sua origem na oralidade (a canção popular, a narrativa, o humor, a diversidade de sentidos) e que foi transportada para a radiofonia. Mesmo nos primórdios de sua organização como um instrumento de comunicação de massas, em meados da década de 1930, o rádio conseguiu determinar modas e criar gostos, impondo gêneros e certa estandartização na música popular, “regredindo a audição das massas”, na expressão Adornoⁱⁱ, pois desde o declínio do “vaudeville” todas as carreiras musicais foram feitas através ou com a ajuda das